



ENTREVISTA

LUIZ FERNANDO SANTORO - RÁDIOS LIVRES E COMUNITÁRIAS NO BRASIL E NA EUROPA

Felipe Parra ¹

RESUMO: As rádios livres consistem em veículos de comunicação que estimulam a produção e difusão de informações feitas por pessoas comuns que assumem o papel de programadores, locutores ou DJ's. Uma forma alternativa e coletiva de se fazer rádio. Essa ação pode auxiliar na divulgação da cultura e dos problemas enfrentados por movimentos sociais e minorias. Ao subverter as lógicas de uso aplicadas a esse meio, as rádios livres oferecem recursos para o sujeito falar sobre seus desejos, anseios, dificuldades, tristezas, alegrias, indignações etc. Luiz Fernando Santoro, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, concedeu esta entrevista e abordou o tema, ao relatar suas experiências e estudos. Essa atividade utiliza os conceitos metodológicos de história oral temática e desenvolve ideias a respeito das rádios livres, comunitárias e locais.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação. Rádios livres. Rádios comunitárias. Pesquisa acadêmica. Entrevista.*

ABSTRACT: Free radios consist of communication vehicles that stimulate the production and diffusion of information made by ordinary people who take on the role of programmers, broadcasters or DJ's. An alternative and collective way of doing radio. This action can help spreading the culture and problems faced by social movements and minorities. By subverting the usage logics applied to this media, the free radios offer resources for people to talk about their desires, longings, difficulties, sorrows, joys, indignations, etc. Luiz Fernando Santoro, Ph.D. in Communication Sciences at the University of São Paulo, gives this interview and discusses the theme, when reporting his experiences and studies. This activity uses the methodological concepts of thematic oral history and develops ideas about free, community and local radios.

KEYWORDS: *Communication. Free radios. Community radios. Academic research. Interview.*

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO). E-mail: parra.profissional@gmail.com



Fonte: Prof. Dr. Luiz Fernando Santoro

Luiz Fernando Santoro possui o título de mestre em Artes Contemporâneas pela Université de Provence, na França (1979) e é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1988). Atua profissionalmente como professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP e desenvolve trabalhos no campo da Comunicação, nas áreas de televisão, vídeo, rádio, realização de documentários, comunicação comunitária, convergência tecnológica e políticas públicas. Em sua passagem pela Europa, teve contato com as rádios livres francesas, chegando a trabalhar em algumas dessas emissoras independentes. Essas experiências contribuíram para a produção ideias sobre tal temática. Na perspectiva de Santoro (1981, p. 97), as rádios livres materializam a ideia de

[...] um rádio que servisse aos interesses do povo, que visasse à transformação da realidade através de uma troca constante de informações entre governantes (“proprietários das ondas”) e governados, assumindo assim a categoria de um verdadeiro meio de comunicação, e não apenas de distribuição.

A entrevista com Luiz Fernando Santoro foi realizada em São Paulo, em 24 de maio de 2018, por meio dos conceitos metodológicos de história oral temática (MEIHY, 1994). Tal metodologia consiste na realização de entrevistas gravadas com peritos sobre

um assunto específico. Essa iniciativa busca resgatar e/ou revelar aspectos acerca de acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos socioculturais que englobam as rádios livres europeias e brasileiras. O principal objetivo desta entrevista se concentra em registrar conceitos e pensamentos sobre essas emissoras de rádio independentes que auxiliem na produção de um panorama a respeito das rádios livres sorocabanas da década de 1980.

***Felipe Parra:** Através dos seus textos, nota-se um grande conhecimento sobre as rádios livres, tanto europeias quanto brasileiras. Devido a isso, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre suas experiências e estudos acerca dessa temática e, se possível, comentar alguns aspectos das rádios livres sorocabanas da década de 1980.*

Luiz Fernando Santoro: Na Europa eu tive a oportunidade de trabalhar em algumas emissoras na França. Eu trabalhava como voluntário, uma vez por semana, em uma rádio livre feminista. Essa rádio tinha um sentido muito pontual: a legalização do aborto para que as mulheres pudessem ter um certo domínio sobre o próprio corpo. A rádio era intermitente. Emitia somente duas horas por semana. Mas, era feita uma ampla divulgação em pichação de ruas. Nesse sentido, a rádio estava atrelada a uma luta muito pontual. Na Europa, quando surgiram as rádios livres, principalmente na década de 1970, elas estavam relacionadas a luta, principalmente juntas a movimentos ecológicos, contra usinas nucleares, etc.

Tem alguns livros específicos sobre rádios livres que as diferenciam das rádios comunitárias. A rádio livre transgride, pois está fora do sistema. A rádio livre é uma rádio que contesta e, em geral, está atrelada a uma luta muito específica. A rádio comunitária, ao contrário, é uma emissora prevista na lei que tem o sentido de se relacionar com uma comunidade. Portanto, não são a mesma coisa. Apesar de algumas rádios comunitárias também serem rádios livres, pois estão na ilegalidade.

Eu acho que o importante é tentar perceber o quanto de sintonia essas rádios têm com um determinado movimento ou luta social. Isso é que pode ser interessante em uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Na minha visão, o ponto principal de uma investigação deve se concentrar em verificar qual é a razão de ser da rádio.

Quando você assume essa perspectiva e observa o posicionamento das rádios livres brasileiras, nota-se que algumas auxiliavam uma determinada comunidade, ao informar e fazer com que esta comunidade se reconheça. Outras rádios, muitas vezes, tinham um “dono”. Pessoas que possuíam interesse em trabalhar com questões culturais ou até de ter um certo prestígio entre uma determinada comunidade. Então, percebe-se que as rádios brasileiras fugiam um pouco do conceito europeu. Ou seja, a rádio como forma de luta. Em outras palavras, as rádios brasileiras não se encaixam nas teorias que surgiram na Europa.

Tem muitos trabalhos desenvolvidos nas décadas de 1980 e 1990 que se esforçam em tentar colocar a teoria das rádios livres europeias no contexto brasileiro. Ao contrário disso, o desafio é tentar perceber qual é a especificidade dessas emissoras. É o exercício de tentar entender, a partir da realidade, nuances sobre as rádios livres brasileiras, e não fazer com que essas mídias alternativas se encaixem em uma determinada teoria.

Tem uma aluna que está desenvolvendo um trabalho sobre as rádios bolivianas em São Paulo. São rádios clandestinas. Portanto, rádios que se encaixam nas chamadas rádios livres. Elas procuram atender a comunidade boliviana que é explorada na capital paulista, principalmente como costureiros. Esta aluna me pediu uma literatura sobre as rádios mineiras bolivianas. As rádios bolivianas eram ligadas à igreja católica, voltadas para a comunidade dos mineiros e atreladas a luta desses trabalhadores. Sendo assim, a teoria desenvolvida para verificar as rádios mineiras bolivianas não encaixa perfeitamente no contexto brasileiro.

Hoje eu não conheço a realidade de Sorocaba, mas o que se pode perceber no Brasil é que o interesse pelas rádios livres oscila entre jovens que tem uma rádio como forma diletante em que eles estão preocupados com a questão musical (muito mais do que a questão da informação) e rádios que estão atreladas a associação de moradores, a movimentos etc. Então é um mundo muito interessante e diverso.

Você tem também o aspecto tecnológico. Por que não fazer o rádio para internet se “todo mundo” tem acesso através do telefone celular? Imagino que atualmente é possível fazer uma rádio local comunitária, livre e alternativa no espaço virtual. Atualmente, não se tem uma necessidade tão grande em transmitir informação pelo espectro magnético para ser captada por aparelhos de rádio. Será que gravar e

disponibilizar um programa na internet não resolve? Dessa maneira, você escapa da contestação da rádio livre que afronta a organização, o modelo das emissoras comerciais e as formas de concessões. Mas você não deixa de fazer rádio.

Eu orientei no semestre passado um TCC sobre a Rádio Oscar Freire. Era um trabalho extraordinário. Porém, o aluno fez um trabalho de radiojornalismo. Em nenhum momento foi discutido a questão teórica. O que interessava era fazer uma web rádio comunitária para aquele bairro. Nunca se pensou em transmitir convencionalmente esta rádio. É uma rádio divulgada na web e nem por isso deixa de ser rádio. A linguagem radiofônica continua existindo e sendo explorada. Todavia, não se tem mais as dificuldades de transmissão. Ela é uma rádio *on demand*.

FP: Essa iniciativa se autointitula como uma rádio comunitária?

LFS: Na verdade ela não se autointitula comunitária. A palavra comunitária pressupõe uma participação da comunidade. Apesar de não ser feita por um profissional, a participação da comunidade é menor do que se imagina. A comunidade interage com a rádio do mesmo jeito que se participa de uma rádio comercial (entrevistas, pedidos etc.). Sendo assim, a concepção da rádio não é comunitária. Do ponto de vista teórico, é uma rádio local. Porém, não é uma rádio que tenha uma participação ideal dentro da comunidade.

Os textos dos da década de 1980 e 1990, principalmente da Associação Latino-Americana de Educação Radiofônicas (ALER), centralizaram o debate sobre rádios comunitárias, locais e livres na América Latina. Mas essas iniciativas idealizaram demais a participação da comunidade, pois quando se analisa o funcionamento das rádios, nota-se pouca participação da comunidade. Não que elas não tenham um valor, pois elas trazem informação e divulgam a cultura local. Mas elas não se encaixam no conceito de comunitária.

Quando você vai para a televisão, fazendo um paralelo com as TVs comunitárias, nota-se que existem os canais comunitários em cada operadora. Cada grupo de pessoas faz o seu próprio programa e usa a emissora como videocassete público. Logo, a produção vem de diferentes comunidades.

No caso do rádio, não é bem assim que tem acontecido. Você não tem essa pulverização de produtores. É outro suporte, outra lógica. Hoje há uma tendência maior que você tenha seu próprio canal devido ao desenvolvimento da tecnologia. Seu canal no Youtube ou uma web rádio. Essas novas tecnologias permitem que muito mais gente possa fazer rádio sem muita dificuldade. Uma rádio feita em casa. Claro que é necessário algum conhecimento técnico, mas os programas de edição estão disponíveis e, se tiver uma boa divulgação via redes sociais, você terá audiência para o seu programa. Estamos chegando em um ponto que o carro (que talvez seja o principal espaço de recepção do rádio) tenha opções de ouvir web rádios. Ou seja, será possível ouvir no carro as rádios transmitidas pela internet. Alguns modelos já possuem esse recurso. Esses pequenos avanços tecnológicos, em poucos anos, mudaram a forma de ser do rádio.

Hoje tenho visto sindicatos e associações que fazem e compartilham seus programas de rádio via web. Essas formas de fazer rádio vão tomando partes do conceito de rádio livre e comunitária. Por isso, fica até um pouco estranho falar em rádio livre nesse momento em que você pode colocar sua rádio no ambiente digital sem nenhuma dificuldade.

Agora, a ideia de que é necessário transmitir pelo ar, tal qual fazem as emissoras convencionais está sendo seguida por rádios religiosas (evangélicas, pentecostais etc.). Se tais rádios ainda usam essa forma de transmissão, podemos partir do pressuposto que o público ouvinte dessas emissoras até tem o telefone celular, mas não possui o domínio da tecnologia para conseguir ouvir web rádio. Então ouve o rádio convencional.

FP: Essa constatação esbarra nas questões de mediações. Isto é, competência cultural, qualidade educacional, usos e apropriações das tecnologias etc. É fato que ainda há pessoas que não sabem utilizar muito bem o telefone celular.

LFS: Concordo com seu ponto de vista, mas é uma geração que vai aprendendo ou vai sendo substituída. É uma questão de tempo.

O que acho importante nessa discussão é ter consciência que a criatividade no rádio é maior que no vídeo e/ou na TV, pois no rádio é tudo possível. Há a possibilidade de

reproduzir qualquer ideia no rádio. Eu, quando dirigi a rádio da USP, trabalhei muito com esse conceito.

Como o rádio é um meio de comunicação que permite a criação de uma forma imediata e de baixo custo, eu sempre imaginei que o rádio pudesse ser um instrumento fundamental em toda e qualquer luta social. Em uma situação de greve, por exemplo, pode-se fazer um programa de rádio onde os próprios atores falem sobre a greve. Essa ação nos oferece informações para entender o que essas pessoas pensam de fato. É possível fazer *podcasts* e divulgar esse material com muita rapidez. Ou até mesmo se pode fazer um conteúdo mais elaborado como, por exemplo, um programa que aborde o sucateamento do Hospital Universitário da USP. Não é preciso mostrar, o rádio permite que você descreva. Porém, a moda atualmente é fazer vídeos curtos. Esse contexto mostra que as pessoas não acreditam ou não estão muito atentas as potencialidades do rádio. Nos momentos de luta, principalmente de luta estudantil, é possível gravar as mensagens em áudio e vídeo e viralizar pela internet. A tecnologia está permitindo essa prática.

Isso do ponto de vista da tecnologia, mas tem também o conceito de programa. Na minha opinião, é a mais apaixonante característica do rádio. Um programa de qualquer conteúdo (gastronomia, bossa nova etc.) possibilita o ouvinte se inteirar sobre o assunto por meio de músicas, informações coletadas com pesquisa, entre outros recursos. Claro, tudo é rádio, mas são coisas diferentes. Isso que se sente falta nas rádios comerciais: programas e documentários radiofônicos. São formatos que, fora da lógica das grandes redes, podem ser melhor explorados.

Sempre mostro aos alunos a Rádio Batuta. Esta rádio é um projeto de música do Instituto Moreira Salles. Independente de um programa ser melhor ou pior que o outro, o interessante dessa iniciativa é o conceito de pesquisar informações sobre determinado cantor, compositor ou tema e se expressar através da linguagem radiofônica. Talvez no vídeo ou na televisão, essa atividade desse tanto trabalho para produzir que não seria possível realizar com tanta velocidade. Porém no rádio nada impede. No rádio é possível.

Eu sinto o rádio muito vivo nessas emissoras comunitárias, locais e alternativas. É um potencial enorme de espaço a ser ocupado e, talvez, uma pouca compreensão de quem

faz o rádio sobre como divulgar e amplificar o próprio trabalho. A rádio comunitária pode interessar outras pessoas fora da comunidade. Porém, as pessoas somente vão ouvir se souberem que a rádio existe. Para isso, é necessário a divulgação. Seja em redes sociais, pichação na rua, cartazes, faixas etc.

Se você está disposto a fazer um trabalho de compreensão das rádios, é preciso entender qual é o alcance dessas emissoras, que tipo de gente que está por trás, a quem ela está servindo, onde a rádio está chegando. Por exemplo: a luta pela moradia, rádio dos sem teto. Vamos emitir duas horas por semana e faremos um balanço sobre as invasões de moradia de São Paulo. Nota-se que essa ideia tem um objetivo de entrada.

Muitas pessoas acham que as rádios devem transmitir vinte e quatro horas por dia, as rádios livres nunca entraram nessa lógica. Elas transmitiam horas por semana. A rádio Librairie de Fan, que eu ajudei em Aix-en-Provence, transmitia no sábado a tarde. Eram uma ou duas horas de programação emitidas de dentro de uma livraria. Uma iniciativa simples, mas muito significativa. Desde que você entenda a razão de ser de cada rádio. Claro, sem preconceitos. Eu não conheço Sorocaba, mas aqui em São Paulo tem muitas rádios religiosas. As teses que tentaram mapear as rádios chamadas livres ou comunitárias paulistas se depararam com um problema. Pode parecer divergente, mas o fato é que padres e pastores faziam rádios clandestinas. Jovens estudantes também entram nesse levantamento.

Paulatinamente, essas iniciativas vão migrando para a internet, mas isso não diminui a importância do conteúdo. Talvez o que mude sejam as tecnologias envolvidas no processo de produção e recepção do rádio.

FP: Essas ideias instigam a verificar como as rádios livres funcionam no contexto brasileiro, uma vez que, na sua perspectiva, tentar acoplar a lógica europeia no Brasil não é a melhor opção. Já existem alguns trabalhos que se enveredam por essa temática como o livro “Rádios livres: reforma agrária no ar” (MACHADO, MAGRI, MASAGÃO, 1986).

LFS: Os autores deste livro são meus contemporâneos. Quem está à frente desse projeto é o Marcelo Masagão. Esse rapaz, da mesma forma que eu, estava na França em 1978.

Esse foi um período muito produtivo das rádios livres francesas. Nós tivemos acesso aos mesmos livros publicados lá sobre o assunto.

Ao chegar no Brasil ele escreveu, em parceria com Arlindo Machado e Caio Magri, esse livro. Tal material é uma adaptação de um livro chamado “Les rádios libres” (COLLECTIF RADIOS LIBRES POPULAIRES, 1979). Os dois livros têm um capítulo destinado a apresentação do esquema técnico de um transmissor FM. Nesta época, o Masagão trabalhava com esse tema, pois ele criou uma rádio livre em São Paulo. Foi uma experiência desenvolvida na PUC. Essa iniciativa era para testar as potencialidades dessa forma alternativa de fazer rádio.

Eu fiz com ele uma experiência de uma TV livre. Na época, eu era presidente da Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP). Nós resolvemos fazer a primeira transmissão clandestina de televisão. Foi em meados de 1981, 1982. Nós colocamos o transmissor em uma casa no bairro Santa Cecília, em São Paulo, e fomos para um bar próximo. Ele ficava a uns 100 metros do transmissor. Sintonizamos a transmissão na televisão do bar e vimos um debate da ABVP. Essa foi a primeira transmissão de TV livre do Brasil. O Masagão tinha um certo conhecimento técnico na época para fazer essa atividade e foi muito divertido. Porém, a ação tinha um sentido mais simbólico do que qualquer outra coisa.

O trabalho mais consistente vem depois, que são as dissertações de mestrado sobre essa temática. Essas pesquisas são mais importantes que os livros, pois tentam fazer um estudo de experiências que estavam surgindo como as rádios de alto falante.

Uma aluna fez um excelente trabalho sobre as rádios livres de Belo Horizonte. Ao procurar uma referência teórica, ela acabou utilizando os conceitos de rádios comunitárias. Assim, a pesquisa teve mais influência dos textos da Cicilia Peruzzo do que a ideia de contestação presente nos pensamentos sobre as rádios livres.

Esse posicionamento era uma ideologia maoísta vigente na França da década de 1970. Ideias de liberdade de expressão e de contestação a todo e qualquer tipo de organização e poder. As rádios livres eram fundamentais para praticar esse discurso.

O livro “La radio como arma política” (HALE, 1979) começa no início das rádios operárias da Alemanha, passa por Bertold Brecht, aborda as rádios na 2ª Guerra

Mundial e também trabalha as rádios dos movimentos de libertação, principalmente na África. Depois retrata a guerra pelo rádio na época da Guerra Fria, as rádios na América Latina e as rádios livres europeias. Além disso, disserta sobre o rádio como instrumento de resistência na invasão Soviética à Tchecoslováquia, a Radio Venceremos na Nicarágua e El Salvador e as rádios no Vietnã que foram usadas como ferramenta de resistência contra o invasor americano. Esses são textos que analisam o rádio pelo ponto de vista histórico.

Outro importante material se chama “Ici la voix de l'Algérie” (FANON, 1960). O autor analisa o uso do rádio na libertação da Argélia em 1950. Nesse ambiente muçulmano e machista em que o rádio era proibido, as rádios administradas por mulheres se transformaram em instrumentos de luta e libertação. Esse é o rádio que fascina, pois está acoplado a lutas.

As rádios comunitárias surgem na América Latina mais dentro da lógica das igrejas. A Associação Latino-Americana de Emissoras Radiofônicas (ALAE) tem livros que fazem um balanço das rádios na América Latina. Todos os conceitos desses materiais são baseados na ideia da comunidade fazendo rádio. Dessa iniciativa, apareceu uma quantidade imensa de manuais ensinando a comunidade a fazer reportagens, entrevistas etc. Eram meios para que as pessoas aprendessem a linguagem do rádio. Esse material era simples e de fácil entendimento. Assim, as comunidades poderiam fazer rádio sem precisar de um especialista.

Para quem for fazer um trabalho sobre rádios livres, comunitárias ou locais há uma pergunta que não se pode deixar de fazer para os realizadores: a rádio faz um trabalho com a comunidade, para a comunidade ou pela comunidade? De acordo com a resposta, muda-se completamente a abordagem, pois tem gente que quer ser a voz da comunidade, outras querem fazer junto com a comunidade e ainda há os que querem fazer para a comunidade. Eu não tenho preconceito nenhum. Acho que as três formas de trabalhar são perfeitamente possíveis.

Na época, eu tinha um embate teórico muito forte, porque minha formação é de televisão, e não de movimentos sociais. Chego aos movimentos sociais pelo caminho prático e teórico da televisão. Com 18 anos eu trabalhava na TV Tupi, editando telenovelas. Nesse sentido, sempre acreditei que fosse possível fazer um trabalho, como

intelectual, que retrate uma realidade de forma excelente. Não era necessário fazer junto com a população. Devido a isso, eu tinha uma briga teórica muito forte, pois as pessoas não aceitavam que o intelectual, sem viver a realidade daquelas pessoas (miséria, dramas sociais etc.), pudesse realizar um bom trabalho. Na época, se dizia que era melhor uma poesia feita por um gari do que Shakespeare. Por mais que eu respeitasse, sempre tive problemas com tal conceito. Na minha perspectiva, é possível fazer trabalhos bons ou ruins com, pela ou para a comunidade.

A TV dos Trabalhadores, que criei junto com outros colaboradores, trabalhava com esses três conceitos. Tinha programas que eu fiz com o Aloísio Mercadante explicando o que era inflação para os trabalhadores. Dessa maneira, eram dois intelectuais: um economista e outro professor da USP. Não tinha a participação de operários, mas era para os operários. Nós não precisávamos de um operário trabalhando conosco para conhecermos a linguagem dos operários.

Então, quando você vai trabalhar com essa temática, é necessário observar que rádio eles estão fazendo. Se os realizadores estão fazendo rádio para eles mesmos, se estão apenas levando em consideração valores culturais e musicais da comunidade, ou se existe de fato alguma participação da comunidade. Mas qualquer posicionamento adotado, não diminui a importância da rádio. Mesmo que não tenha nenhuma participação da comunidade, o fato de pessoas que não vivem em uma comunidade estarem dispostas a fazer uma emissora de rádio independente que se preocupa com os problemas, a cultura, os anseios e os valores daquele determinado grupo de moradores, pode ser tão bom quanto uma rádio feita pela comunidade. Essa abordagem não é uma ação menor, é diferente.

É imprescindível conhecer a questão de para quem, por quem ou com quem se está fazendo rádio. Muitas vezes você não precisa fazer com a comunidade para entender aquela realidade. É possível estudar e compreender. Em resumo, não é necessário trabalhar em uma fábrica para entender o problema do trabalhador. Pode ser bom e útil trabalhar em um local como esse, mas não há necessidade de se proletarizar para sentir na pele o problema do proletariado. Como intelectual, você pode estudar o que outros intelectuais escreveram sobre o tema e ter uma excelente compreensão daquela realidade.

Referências

COLLECTIF RADIOS LIBRES POPULAIRES. **Les radios libres**. Paris: Maspéro, 1979.

FANON, Frantz. “Ici la voix de l'Algérie”. In: FANON, Frantz. **L'An V de la révolution algérienne**. Paris: Maspéro, 1960. p. 51-84. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1961_num_1_1_932>. Acesso em: 20 jun. 2018.

HALE, Julián. **La radio como arma política**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres: reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Disponível em: <<https://dodopublicacoes.files.wordpress.com/2009/03/radioslivres.pdf>>. Acesso em 18 abr. 2018.

MEIHY, José Carlos “Sebe Bom. Definindo história oral e memória”. In: **Cadernos Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, São Paulo, v. 5, n. 2, 1994, p.52-59. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83299/86330>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SANTORO, Luiz Fernando. “Rádios livres: o uso popular da tecnologia”. In: **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 6, 1981, p. 97-103.